



RECENSÕES / BOOK REVIEWS / OPINIONES

U. DELL'ORTO – S. XERES (dirs.), *Manuale di Storia della Chiesa*, Brescia, Morcelliana, 2017-2018, 4 v. / *Manual de história da Igreja*, São Paulo, Loyola, (a ser publicado ao longo de 2024), 4 v. I: L'antichità cristiana. Dalle origini della Chiesa alla divaricazione tra Oriente ed Occidente (secoli i-v) / A Antiguidade cristã – Das origens da Igreja à divergência entre Oriente e Ocidente (séculos I-V); II: Il medioevo. Dalla presenza dei barbari (sec. iv/v) in Occidente al Papato avignonese (1309-1377) / Da presença dos bárbaros (séc. IV/V) no Ocidente ao papado avinhonense (1309-1377); III: L'epoca moderna: dallo scisma d'Occidente (1378-1417) alla vigilia della Rivoluzione Francese / Do Cisma do Ocidente (1378-1417) às vésperas da Revolução francesa (1780-1790); IV: L'epoca contemporanea: dalla Rivoluzione francese al Vaticano II e alla sua recezione (1789-2005) / Da Revolução francesa ao Vaticano II e à sua acolhida (1789-2005).

Danilo Mondoni

Orcid.org/0009-0006-7998-5667

Em junho de 2010, durante o congresso de professores da Faculdade de Teologia da Itália Setentrional realizado em Gazzada, amadureceu o projeto de escrever um manual de história da Igreja que servisse de instrumento didático para os seguintes públicos-alvo:

- docentes, a fim de que pudessem encontrar nele quer os conteúdos de suas aulas, quer o quadro histórico de referência para seu ensino.
- alunos, uma contribuição para a aprendizagem e assimilação da matéria, exposta de maneira sintética, linear, razoavelmente contida na quantidade.
- pesquisadores que queiram utilizar algum quadro de síntese sobre o qual refletir para ulteriores aprofundamentos ou para encontrar nele alguma perspectiva particular de pesquisa.
- todas as pessoas que se aproximam da Igreja por razões de simples curiosidade ou de interesse interior mais profundo, querendo conhecer em geral seu desenvolvimento histórico – as bimilenares e complexas vicissitudes da Igreja.

Pressupostos fundamentais que nortearam a elaboração e o estabelecimento deste manual:

- A Igreja vive na história e nela nasce, cresce, opera, erra, corrige-se.
- Não é possível compreender a história da civilização humana sem levar em consideração a contribuição oferecida pela Igreja.
- Um procedimento sintético que tem como característica manter o mais possível presentes simultaneamente os vários fatores que constituem a consciência atual do passado.
- Uma história da Igreja não nasce e não pode se desenvolver de modo setorial, mas é chamada precisamente a reconhecer e a respeitar a universalidade em seus múltiplos aspectos, pois se põe em confronto e em colaboração com outras ciências, evita de se fechar numa contraposição polêmica ou ideológica, fala de uma Igreja que vive no mundo e que encontra povos e nações, encarnando-se em suas diferentes culturas.
- Tal itinerário não pode ser completado uma vez por todas, mas deve ser mantido aberto a uma contínua retomada que possa progressivamente integrar ulteriores visões adquiridas e novos traços reemergidos do passado. O conhecimento da história é também essencialmente histórico: não pode caminhar de outro modo senão por contínuas e progressivas aproximações à definição mais clara de um passado a conhecer e compreender, servindo-se de novos pontos de vista e de leituras diversificadas, bem como de novas contribuições documentárias, reemersas por sua vez após novos interesses historiográficos que vão surgindo.

Tanto os autores do projeto, como o Editor da Morcelliana, estavam conscientes de que era preciso partir do manual de K. Bihlmeyer-H. Tüchle – *Kirchengeschichte*, Paderborn, Ferdinand Schöningh, 1958, 3 v; trad. bras.: *História da Igreja*, São Paulo, Paulinas, 1964, 3 v – e ir mais além.

Julgou-se oportuna a intervenção de um teólogo (Angelo Maffei), a fim de introduzir o leitor em algumas questões de limite entre história da Igreja e teologia, seja para esboçar o papel que o conhecimento da história da Igreja tem para o estudo da teologia, seja para introduzir o debate relativo a seu significado teológico.

A redação das diversas partes foi subdividida entre vários estudiosos, unidos pela ampla experiência didática nos nichos da formação eclesial e em instituições acadêmicas de diversos gêneros.

Só é possível contar uma história organizando-a numa sucessão temporal, numa série de passagens entre um “antes” e um “depois”. Com efeito, é impossível que a mente humana perceba uma sucessão dinâmica, como é a história, de maneira imediata e unitária. Daí a necessária divisão em períodos, ou periodização, muito mais indispensável quando se quer dar uma visão de conjunto a um arco temporal tão amplo e a episódios tão

múltiplos como os que entendemos como “história da Igreja”. “Época antiga”, “Idade Média”, “Época moderna” e “Época contemporânea” são expressões convencionais. Este manual está classicamente dividido em quatro volumes, em correspondência com as mais comuns divisões da matéria e com os quatro âmbitos cronológicos mais ou menos definidos e universalmente aceitos.

Com relação à estrutura do Bihlmeyer-Tüchle (Antiguidade, até 692 – fim das controvérsias trinitárias; Idade Média, 692-1294 – surgimentos dos estados modernos; época nova, 1294-1648 – cisões, divisões e reformas; época moderna, de 1648 em diante), mudaram-se algumas denominações e os limites cronológicos de cada época. As migrações das populações germânicas foram consideradas referência para a passagem entre Antiguidade e Idade Média; o Cisma do Ocidente (1378-1417) foi considerado sintoma da crise em que entrara a sociedade idealmente unitária que foi a Idade Média ocidental; a Revolução francesa foi tomada como início da época contemporânea.

Os capítulos estão organizados em números progressivamente crescentes, e as subdivisões em números arábicos. Diferentemente do Bihlmeyer-Tüchle, que continua a numeração sucessiva de um volume a outro, a numeração no presente manual recomeça no início de cada volume. Outra opção emprestada é a de deixar em negrito algumas palavras que orientam a leitura, permitindo que se identifique imediatamente o assunto tratado.

Comparadas com as escolhas que remetem ao antigo manual, outras mudanças são de sinal diferente. Uma delas é a distinção entre a parte expositiva principal e uma série de “inserções” de aprofundamento sobre situações ou temáticas particulares, oferecendo em diversos casos verdadeiras recensões historiográficas, a fim de que o leitor seja devidamente advertido sobre a existência de novas perspectivas de leitura da vivência histórica da Igreja.

Não foram utilizadas notas de rodapé: as citações presentes na exposição citam entre parênteses o sobrenome do autor do texto citado, cuja apresentação por extenso se encontra na bibliografia posta no fim de cada capítulo; no caso de serem citados escritos diferentes de um mesmo autor, seguem-se ao sobrenome desse último algumas palavras iniciais do título.

Optou-se pôr no fim de cada capítulo uma bibliografia seleta, formada por um máximo de 30-40 títulos, indicando os textos utilizados para elaborar a exposição (mantendo as fontes separadas dos estudos) e propondo artigos, monografias, verbetes de dicionários considerados significativos e que poderiam ser consultados para aprofundar os assuntos tratados.

Pelo fato de que são muitíssimas as comunidades, os movimentos e os indivíduos que nos vinte séculos transcorridos desde a história huma-

na de Cristo se inspiraram nele, alguns preferem falar de “história das Igrejas” ou de “história do cristianismo”. O presente manual atribui ao termo “Igreja” uma perspectiva de síntese, incluindo aí a multiplicidade de grupos humanos e de configurações institucionais que entenderam se reconhecer como situações históricas do variegado conjunto de sujeitos e fenômenos históricos sinteticamente indicado pelo nome “Igreja”, ou fé, esperança e fraternidade em Cristo, vividas e expressas de forma pública e comunitária. Isso é plenamente aceitável numa perspectiva histórica, uma vez que se põe em cena na narrativa sujeitos históricos (indivíduos, grupos, comunidades, instituições) que entenderam se reconhecer como parte da única Igreja gerada por Cristo.

Em visão panorâmica, fica mais fácil perceber o que pertence apenas a uma época ou a uma visão local particular, o que permanece além das diversas mudanças, o que é redescoberto e reproposto de quando em quando inspirando-se em experiências eclesiais anteriores.

As longas e complexas transformações históricas permitem descobrir uma riqueza de climas espirituais, de perspectivas culturais, de experiências humanas... até de limites e erros, às vezes desconcertantes e todavia muitíssimo valiosos para se dar conta de possíveis equívocos e distorções que podem se desenvolver em torno do sentido próprio da referência evangélica, que é patrimônio comum de todas as formas de cristianismo, mas que pôde dar origem a interpretações até mesmo opostas ao próprio sentido originário. Um banho de realidades sempre utilíssimo para superar visões muito ideais e espiritualistas e, portanto, não respeitosas do caráter histórico essencial à Igreja. Uma sadia relativização para aprender a discernir o que é verdadeiramente essencial, sem tornar absoluto o que é transitório e secundário. Por exemplo, evitando qualificar como elementos “tradicionais” alguns sistemas institucionais, culturais ou teológicos que na realidade remontam somente à época moderna no Ocidente, perante uma bem mais ampla e mais antiga Tradição eclesial.

A história da Igreja é considerada uma disciplina científica, uma vez que utiliza instrumentos e métodos específicos, com vistas à verificação dos eventos do passado referentes à Igreja. Ao mesmo tempo, a Igreja se concebe e se declara relacionada a Jesus Cristo, considerado presente no decorrer do tempo; tem, portanto, uma referência precisa com a qual medir a evolução e o envolvimento da própria história, sem com isso decair num “sentido histórico” extrínseco ou abstrato.

A história faz-se elemento vital no caminho da fé: permite refletir sobre como a Palavra se fez carne na sucessão dos séculos, e ao mesmo tempo sobre como homens e mulheres de outras épocas souberam acolhê-la e torná-la viva, apesar de seus limites, em condições específicas e às vezes muito diferentes das atuais, ora no drama, ora em maior serenidade.

Se bem cotejada e interpretada, e se levarmos em conta a grande incidência das comunidades cristãs no caminho do Ocidente, a história da Igreja – da grande e complexa instituição e comunidade de homens e mulheres enriquecida por dois mil anos de vida e fundamentalmente caracterizada pela adesão crente à pessoa de Jesus Cristo – pode oferecer às disciplinas afins leituras e perspectivas realmente ilustrativas.

A visão deste manual é de grande utilidade para a continuação do diálogo e da compreensão recíproca entre a Igreja e a sociedade humana, entre as diversas confissões cristãs, entre o cristianismo e as religiões. Não no sentido de instrumentalizar a história, escavando nela provas a favor de uma ou outra posição, mas deixando que os acontecimentos corrijam e enriqueçam lentamente nosso modo de ver.

Trata-se de um instrumento renovado, inspirado em modelos seguros, e exigido por uma abordagem cada vez mais interdisciplinar, e de uma apresentação da história da Igreja ao mesmo tempo acessível, rigorosa e orgânica.

Submetida em 20.03.24 aprovada em 22.04.24